

UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS SEMÂNTICO-DISCURSIVAS NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO

A CONTRIBUTION TO THE ANALYSIS OF SEMANTIC-DISCURSIVE STRATEGIES IN THE TEXTUAL PRODUCTION OF STUDENTS AT AGOSTINHO NETO UNIVERSITY

Lusidia Felimone ¹

RESUMO: A emergência de uma variedade de Português característica de Angola, com traços morfossintáticos, semântico-lexicais e fonéticos específicos, é hoje um fato amplamente reconhecido, quer pelos falantes, quer por linguistas e outros especialistas, a quem se deve a multiplicidade de estudos descritivos sobre esta variedade, muitos dos quais apontam para a necessidade da sua normatização e oficialização, num contexto em que a competência linguística é avaliada em função da variedade padrão. Este artigo tem por objetivo contribuir para esta reflexão, abordando aspetos semântico-discursivos ligados a esta variedade de Português, analisando as opções em termos de estratégias discursivas de cinco textos produzidos em sala de aula por estudantes da Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto usados como amostra. Esta pesquisa foi realizada à luz da Gramática Sistémico-Funcional, por meio de técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, por considerarmos que esta teoria fornece as ferramentas necessárias para uma análise da estrutura interna dos textos e das relações lógico-semânticas entre os elementos textuais com base nas quais se estrutura o texto. Esperamos, com este estudo, obter pistas para uma descrição mais ampla e abrangente das estratégias discursivas características de estudantes neste contexto sociolinguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Texto. Discurso. Gramática Sistémico-Funcional.

ABSTRACT: The existence of a variety of Portuguese that is typical of Angola, with specific morphosyntactic, semantic-lexical and phonetic features, is now a widely recognised fact, both by speakers and by linguists and other specialists, who have been producing several descriptive studies on this variety, many of which suggest the need for its standardisation and officialisation, in a context in which linguistic competence is measured according to the standard variety. This article aims to contribute to this reflection by addressing semantic-discursive aspects linked to this variety of Portuguese, analysing the choices in terms of discursive strategies used in five texts produced in class by students from the Faculty of Humanities at Agostinho Neto University. This research was carried out under the Systemic-Functional Grammar, by means of bibliographical and documentary research techniques, as we believe that this theory provides the necessary tools for analysing the logical-semantic and interdependent relationships based on which texts are produced. It is our expectation that the results of this study will provide insights for a larger and more comprehensive description of the discursive strategies used by students in this sociolinguistic context.

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique). Docente na Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto (Angola). Email: lfelimone@gmail.com.

KEYWORDS: Text. Discourse. Systemic-Functional Grammar.

Introdução

Nos últimos anos, a pesquisa linguística em Angola tem sido profundamente marcada por estudos e discussões em torno da situação sociolinguística do país, com especial destaque para o Português, que abordam esta questão, quer do ponto de vista da sua evolução, quer das suas variedades e relação com as línguas africanas. O Português está a ter uma ampla disseminação entre uma grande parte da população, tanto nas zonas urbanas como nas rurais, estando a ser progressivamente usado como única língua de comunicação por um número cada vez maior de cidadãos.

Fruto de influências diversas e do contato com as línguas locais, esta expansão está a ser acompanhada pela emergência de uma variedade linguística com características próprias do ponto de vista semântico-lexical, morfossintático e fonético-fonológico, muitas vezes desviantes em relação à norma padrão, que tende a afetar também o domínio da escrita. É neste sentido que a emergência desta variedade coloca algumas questões, especialmente no âmbito didático-pedagógico.

Conforme refere Adriano (2014), existem, presentemente, duas formas concorrentes do Português no país, muitas vezes conflitantes, uma a que chama de “língua da sala de aula”, regida pelas normas do Português padrão, e outra que designa por “língua do corredor”, que é a que os falantes usam, na realidade. Esta situação cria uma lacuna entre o conhecimento que se espera que os estudantes tenham da norma da língua e o seu desempenho real, com consequências no desempenho académico, especialmente no domínio da escrita. Não raras vezes, os professores avaliam negativamente um estudante pela qualidade da sua exposição, sem equacionar a possibilidade de não se tratar de desconhecimento da língua, mas de uma prática comum à sua comunidade de fala. É por isso que Mingas (2002) questiona se será sociocultural e linguisticamente “saudável” insistir no ensino do Português padrão de Portugal ou se passará a solução por ensinar um Português mais adaptado à realidade angolana e, portanto, com uma abertura à componente cultural local.

Conforme referimos, a emergência desta variedade de Português tem sido objeto de estudo de diversos autores, alguns dos quais podem ser considerados os precursores das discussões sobre a variedade angolana de Português, como Marques (1983), Mingas (1998, 2002, etc.) e Inverno (2004; 2008; 2009; 2011; 2018, etc.). As posições dos diversos autores

variam, desde uma visão essencialmente descritivista, centrada numa caracterização da variedade emergente nos seus múltiplos aspetos (como é o caso de Inverno (op. cit.) e Zau (2011)), a preocupações de carácter didático-metodológico, considerando a necessidade de conciliar a realidade sociolinguística com as metodologias de ensino (a exemplo de Marques, (op. cit.); Undolo (2014, 2015); Gaspar (2015)). Outros optaram por uma visão mais virada para questões de política linguística e educativa, defendendo a angolanização e nacionalização desta variedade (como Gaspar (op. cit.); Zau (op. cit.); Adriano (op. cit.); Costa (2015)), enquanto uma outra vertente, aqui representada por Agualusa (2004/05) e Ponso (2008), defende uma ligação com as línguas nacionais com vista à valorização destas, o que poderá influenciar as políticas editoriais e educacionais, e assim acabar com a hegemonia do Português neste domínio.

Qualquer que seja a posição dos autores, todos reconhecem a existência de uma assimetria entre as línguas faladas em Angola, com uma notória tendência crescente para a expansão do Português entre uma grande parte da população, situação que tem ocasionado diferentes posicionamentos no seio da comunidade académica e da população, no geral. Enquanto uns defendem a necessidade de se apostar em formas de melhorar a competência linguística e comunicativa em Português, tomando como referência a variedade padrão, dado o seu estatuto de língua oficial, outros optam pela nacionalização da variante em uso, considerando que esta é aceitável por resultar do uso real da língua pelos usuários.

Se o problema pode parecer relativamente fácil de gerir ao nível da oralidade, o mesmo já não acontece no domínio da escrita, principalmente no contexto académico. A questão da variedade do Português tipicamente angolana ultrapassa, hoje, a dimensão linguística, abrangendo também aspetos ligados à identidade social, pois as diferenças relativamente à norma padrão não ocorrem de forma aleatória, mas dentro de determinado contexto histórico-social, cultural e ideologicamente marcado. Por esta razão, e dentro do espírito que tem orientado os demais trabalhos de pesquisa neste âmbito, levámos a cabo este estudo, cuja finalidade é trazer à discussão questões relacionadas com a organização e estrutura do discurso escrito, apoiando-nos no pressuposto de que, se é através de textos que as pessoas se comunicam, conforme defende a Gramática Sistémico-Funcional, a análise destes e dos seus mecanismos de produção pode fornecer dados importantes para a descrição do funcionamento da variedade de Português emergente em Angola.

Como objeto de análise, usámos uma amostra constituída por cinco textos escritos produzidos por estudantes da Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto

em contexto de sala de aula, com base nos quais procedemos a uma análise das estratégias discursivas à luz da Gramática Sistémico-Funcional. Assim, usando as categorias de análise propostas por esta teoria, identificámos os elementos constitutivos da estrutura textual, tomando a oração como estrutura de base, a fim de descrever a estrutura interna dos textos e as relações lógico-semânticas e de interdependência por meio das quais aqueles elementos se articulam para a construção do sentido global do texto.

Os resultados desta análise revelaram a existência de padrões de organização textual diferentes dos definidos pela norma padrão, influenciados por situações contextuais particulares, conforme defendem Grabe e Kaplan (1996). Esta situação sugere a necessidade de se trabalhar a questão da produção escrita na sala de aula, a fim de melhorar a competência textual no domínio acadêmico, tendo em conta as exigências que se colocam devido ao estatuto do Português como língua oficial.

Revisão bibliográfica

Assumindo que a observação dos padrões estruturais do texto pode revelar o funcionamento do sistema, a pesquisa baseou-se na identificação dos elementos da estrutura interna dos textos, por um lado, e na análise dos fatores macrotextuais que permitem caracterizar as estratégias discursivas dos sujeitos de pesquisa, por outro lado. Isso levou-nos a adotar uma perspectiva de análise que integra diferentes áreas que abordam a língua na sua relação com aspetos socioculturais, combinando alguns princípios da Gramática Sistémico-Funcional com a Linguística Textual e a Análise do Discurso.

Alguns fundamentos da Gramática Sistémico-Funcional

A Gramática Sistémico-Funcional (GSF), formulada por Halliday (2005, 2014), é uma teoria que explica o funcionamento da linguagem com base em três funções decorrentes das necessidades comunicativas dos usuários, que exprimem os atos realizados durante a interação verbal, condicionando as escolhas linguísticas às finalidades comunicativas daqueles em determinado momento de interação, em conformidade com valores socioculturais. Segundo esta perspectiva, estas funções atuam simultaneamente na construção de sentido, convergindo na oração, considerada a unidade básica de processamento linguístico, por meio da qual os falantes exprimem as suas experiências, realizadas por participantes em determinado contexto, exprimindo-se de determinada maneira.

Esta concepção da linguagem centrada nas suas funções rompe com a tradição de análise linguística baseada na descrição da estrutura gramatical, para se centrar no uso efetivo da língua sob determinadas condições contextuais. Assim, o discurso torna-se objeto de descrição linguística, o que justifica a importância da componente pragmática para a descrição da linguagem, bem como o fato de adotarmos esta teoria para a descrição das estratégias discursivas dos nossos sujeitos de pesquisa.

A GSF (Halliday e Matthiessen, op. cit.; Thompson, op. cit.), explica o funcionamento da linguagem através de três variáveis contextuais que acionam as três metafunções da linguagem que determinam as escolhas linguísticas, nomeadamente a função ideacional, interpessoal e textual. Sendo assim, as metafunções constituem a base do sistema gramatical, dado que correspondem aos componentes da estrutura oracional:

- (1) A metafunção ideacional, expressa pelo sistema de transitividade, é responsável por traduzir a experiência e as ideias dos usuários em linguagem, através de uma estrutura que integra processos, participantes e circunstâncias. Enquanto na concepção tradicional a transitividade era considerada uma propriedade inerente ao verbo, definida em função do tipo de regência que exige, na GSF esta não se manifesta apenas no verbo, mas em toda a estrutura oracional, através dos três papéis que permitem perceber o que aconteceu, onde, como, quando, por quem, etc., conforme explica Lima (2019). Dentro deste sistema, os participantes são expressos por estruturas nominais, ao passo que os processos são realizados por formas verbais.
- (2) A metafunção interpessoal, expressa através do sistema do modo oracional no sistema léxico-gramatical, assinala a identidade e os papéis discursivos que os usuários adotam durante a interação verbal. Por exemplo, quando um interveniente dá uma ordem, isso coloca-o numa posição de poder em relação ao seu interlocutor, o que é percebido através das escolhas que o emissor faz dentro do sistema léxico-gramatical para exprimir essa ideia. Em Português, dizer “*faz isto*” é diferente de “*faça isto*”, pois a escolha da forma verbal é indicativa das relações que se estabelecem entre os participantes da interação verbal. Assim, a metafunção interpessoal permite definir, tanto os papéis comunicativos dos intervenientes como o tipo de relações sociais que estes estabelecem entre si. Para que esta interação seja bem sucedida, é necessário que haja uma inteligibilidade mútua e uma certa cumplicidade em termos de conhecimentos entre os participantes, conforme

estabelecido pelo chamado Princípio de Cooperação², cujas máximas conversacionais são consideradas fundamentais para a realização do discurso.

- (3) A função textual, realizada pelo sistema de Tema e Rema no sistema léxico-gramatical, organiza as outras duas para a formação de uma mensagem, garantindo a construção de um texto coeso e coerente. Por isso, segundo a GSF, do ponto de vista gramatical, o texto é a materialização do potencial que a língua possui para a produção de significado, resultando das várias escolhas que os falantes fazem para a expressão das suas necessidades comunicativas numa situação particular de interação verbal. Neste sentido, os constituintes da estrutura oracional são organizados de acordo com a finalidade pretendida, numa sucessão entre o Tema ou a informação conhecida, que é o ponto de partida para a mensagem que se pretende veicular, e por isso um dos principais elementos da oração, e o Rema, correspondente à informação nova, portadora do conteúdo semântico, ainda não conhecido. É a partir do Tema que se compõe, não só a oração, mas o texto como um todo, de acordo com a forma como cada estrutura oracional se relaciona gramaticalmente com outra no enunciado, indicando o assunto ou tema desenvolvido e o modo de progressão das várias partes que constituem o texto.

A abordagem das estratégias discursivas a partir de textos requer também o mapeamento e classificação dos Temas que os compõem, com vista à descrição da sua estrutura e composição, dado o seu papel crucial para a compreensão do modo de organização da mensagem. Neste sentido, os Temas podem ser analisados de acordo com diferentes critérios, como a sua função na estrutura oracional (ideacional, interpessoal e textual), o seu estatuto (marcado e não marcado) ou a sua composição (simples ou múltiplo). Por exiguidade de espaço, apresentamos somente os resultados do mapeamento dos Temas identificados, sem nenhuma descrição sobre os conceitos.

A articulação entre os elementos da estrutura oracional dá origem a duas estruturas com valor informacional diferente, constituídas pela sucessão entre o Tema e o Rema e entre a informação conhecida e a nova, designadas, respetivamente, estrutura temática e estrutura informacional. A composição e organização destas estruturas evidenciam as estratégias discursivas usadas pelos falantes, já que a sua escolha depende do que o emissor seleciona, no

² Conceito proposto por Paul Grice num artigo publicado em 1975, segundo o qual os interlocutores devem reconhecer as intenções e expectativas um do outro relativamente à mensagem veiculada, para poderem, não só entender a mensagem, mas fazer inferências mesmo quando a informação está implícita ou no caso de atos de fala indiretos.

momento da interação, como informação a usar com base no que ele sabe que constitui o conhecimento do seu receptor, com um referente explícito no enunciado ou recuperável no contexto.

O estudo do texto segundo o valor informativo dos seus constituintes enquadra-se no âmbito da Perspectiva Funcional da Frase, uma teoria linguística associada a Daneš (1974), que defende que o Tema e o Rema ou a informação conhecida e a nova contribuem para, em conjunto, estruturar a mensagem, de tal forma que a informação se distribua gradualmente da esquerda para a direita, segundo afirma Svoboda (1974, apud Langa, 1995), em conformidade com os propósitos comunicativos dos intervenientes. Daneš (op. cit.) considera que as diferentes formas de sucessão entre o Tema e o Rema ou entre a informação conhecida e a nova dão lugar a diferentes padrões de progressão temática, conceito por ele introduzido para caracterizar o modo de fluxo de informação através da articulação entre as duas partes da estrutura temático-informacional. Com base neste conceito, Daneš (op. cit.) propôs a seguinte classificação:

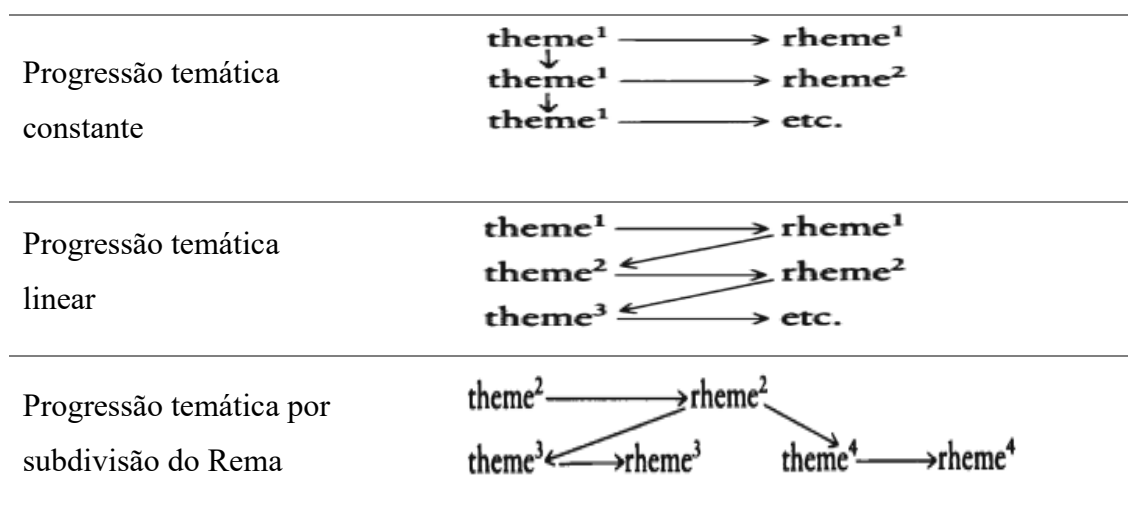
- (1) Progressão de tema constante, em que a um mesmo Tema se vão adicionando novas informações remáticas em cada oração, sendo a informação temática retomada por meio de articuladores de sequenciação e referenciação, como por exemplo pronomes, e por sinônimos, repetições ou elipses;
- (2) Progressão linear, em que o elemento remático da oração é o Tema da oração seguinte, o Rema desta é o Tema de outra subsequente, e assim por diante;
- (3) Progressão por subdivisão do Rema, em que este é dividido, passando a ser o Tema das orações subsequentes, sendo retomado por meio dos marcadores mencionados.

Atente-se nos exemplos que se seguem, extraídos de textos produzidos pelos estudantes usados como sujeitos da pesquisa. O primeiro é um exemplo de um tipo de progressão temática de tema constante, pois o Tema é retomado no período seguinte por meio de pronominalização e depois por elipse, e o segundo linear, em que o Rema da 1ª oração é o Tema da 2ª. Quanto ao último exemplo, trata-se de uma progressão temática por subdivisão do Rema, considerando que este é subdividido nas orações subsequentes com a função de Tema.

- (1) *A leitura constitui a base para a aquisição de conhecimento. Embora **ela** seja uma das primeiras atividades que se aprende desde cedo na escola, [Ø] é bastante complexa, mesmo em etapas posteriores de aprendizagem.*
- (2) *Existem **quatro tipos de conhecimentos**. Tais conhecimentos são o empírico, científico, filosófico e religioso.*
- (3) *O **desporto** inclui diversas modalidades desportivas, individuais e em equipa. As modalidades individuais jogam-se em campos ao ar livre ou no interior. As praticadas em equipa incluem futebol, basquetebol, handebol, entre outras.*

O diagrama a seguir, obtido de McCarthy (1991, p. 55), ilustra os três tipos de progressão temática:

Diagrama 1 – Tipos de progressão temática



Fonte: McCarthy (1991)

McCarthy (op. cit.) afirma que a hierarquização das estruturas temática e remática não é uma questão estrutural, pois não há uma regra obrigatória para a realização de uma ou outra combinação, embora alguns padrões possam ser associados a determinados géneros textuais. Trata-se de diferentes estratégias discursivas, por meio das quais os diferentes elementos do contexto vão sendo ativados através da criação de novos tópicos, o que revela opções do emissor relativamente ao sentido que pretende transmitir, bem como ao seu enfoque comunicativo.

É neste contexto que Grabe e Kaplan (op. cit.) consideram que a produção textual pode ser influenciada por diferentes padrões culturais de pensamento que se manifestam nas diferentes formas de discurso, que fazem parte da nossa memória e constituem o nosso conhecimento do mundo, sem os quais o texto poderá não ser entendido. A conclusão destes

autores advém da constatação de que existe uma desigualdade na organização textual de produções de falantes de línguas distintas, relacionada com o conhecimento do mundo e normas socioculturais que permeiam o ato de produção de texto.

A estrutura e organização do texto dependem também da articulação entre os seus elementos constitutivos através de relações lógico-semânticas e de interdependência, nomeadamente de expansão (elaboração, extensão e realce), projeção (locução e ideia) e encaixe, e parataxe e hipotaxe. Isto quer dizer que o tipo de organização temático-informacional aplicável à articulação entre Tema e Rema também se manifesta num nível superior à oração, expandindo a oração simples para o complexo oracional, o que contribui para o desenvolvimento do texto, conforme defendem Halliday e Matthiessen (op. cit.). Estas relações permitem estabelecer, não apenas a coesão textual ao nível da superfície textual, mas também a coerência discursiva, uma vez que a sua interpretação está, muitas vezes, relacionada com significações que o texto ganha no momento da interação, através de ligações que se estabelecem ao ativar ou recuperar na memória sentidos aí armazenados por meio de *frames* ou *schemata*, segundo Beaugrande e Dressler (op. cit.) e Brown e Yule (1983).

Note-se que, quando se trata de analisar o funcionamento da linguagem, nenhuma teoria é capaz de fornecer, sozinha, todos os fundamentos necessários para a sua explicação, considerando a complexidade do ato de comunicação, que pode ser analisado sob diferentes ângulos. As escolhas que se fazem no processo de produção da linguagem são ditadas e influenciadas por fatores de ordem linguística, cognitiva, sociocultural, histórica, geográfica, política, etc., que resultam nas diversas possibilidades de organização textual permitidas pelo sistema da língua. Daí a necessidade de um diálogo entre áreas de estudo relacionadas, como a GSF, a Linguística Textual e a Análise do Discurso, na interseção das quais se encontra o texto.

A Análise do Discurso, ao basear a análise da produção de sentido numa relação dialógica entre a linguagem, o sujeito e o contexto histórico-social, centra o seu método de análise em fatores exteriores à linguagem, como a ideologia, a história e a sociedade, que influenciam e determinam o uso da linguagem, conforme refere Brasil (2011). Por seu lado, o desenvolvimento da Linguística Textual permitiu trazer para o campo da análise linguística diferentes conceitos que estudam o processo de construção de sentido nos textos para além da estrutura linguística ou da superfície textual, centrando-se em procedimentos e mecanismos de análise que incluem as condições de textualidade ou princípios de textualização. Destacam-

se aqui os sete critérios de textualidade propostos por Beaugrande e Dressler (1981), que incluem diversos mecanismos para a produção e interpretação de textos, nomeadamente coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade.

Pela natureza deste artigo, não cabe aqui fazer uma descrição destes critérios, bastando apenas referir que todas participam, de algum modo, no processo de produção e análise de textos. No entanto, damos destaque especial à coesão e coerência pelo fato de constituírem fatores básicos para a explicação das relações de interdependência entre as estruturas oracionais. A coesão é o mecanismo que explica o funcionamento das relações por meio das quais se estabelece a ligação dentro da frase e entre frases na superfície textual, permitindo assim estruturar o texto, ao passo que a coerência é responsável pelo estabelecimento de uma ligação lógica entre as suas partes, de modo que ele seja entendido como um todo significativo.

Análise das estratégias semântico-discursivas dos estudantes segundo a perspectiva sistémico-funcional

Para exemplificar as categorias de análise da GSF, tomámos como exemplo cinco textos redigidos por estudantes do Curso de Língua e Literaturas em Língua Inglesa na cadeira de Língua Portuguesa. Os textos foram analisados na sua versão original, sem correção de erros ortográficos, de pontuação ou construção sintática, com vista a manter a sua autenticidade. Estamos conscientes de que os dados poderão ser pouco significativos para caracterizar uma variedade linguística falada por uma população vasta, mas trata-se de um exercício que visa fornecer pistas possíveis para um estudo mais abrangente, quer em termos territoriais, quer de tempo, para obter resultados mais consistentes e passíveis de ser replicados a outros contextos.

Metodologia de análise

Para a análise dos dados, baseamo-nos na identificação das categorias propostas pela GSF, recorrendo a duas estratégias fundamentais, a descrição e interpretação de texto através da análise de conteúdo. Por isso, selecionados os textos, procedemos à sua segmentação em períodos, de onde destacámos as orações iniciais para identificação da estrutura temática e dos mecanismos por meio dos quais se ligam para responder a propósitos comunicativos específicos. Feito isto, os períodos foram analisados para identificar as relações lógico-

semânticas e de interdependência entre os complexos oracionais, na base dos quais os textos foram construídos. Esta informação permitiu analisar as opções em termos de organização do discurso, e assim caracterizar os textos do ponto de vista semântico-discursivo.

Os textos em estudo foram elaborados em resposta a diferentes tarefas de escrita na cadeira de Língua Portuguesa, em que se exigia dos estudantes uma opinião em relação a diversos assuntos. Considerando essa finalidade comunicativa, os textos eram de natureza argumentativa e expositiva, dois géneros com uma estrutura relativamente fixa. Nesse sentido, considerámos a conformidade ao género como uma condição para associar as estratégias de composição a aspetos contextuais, uma vez que, segundo Gouveia (2009) e Assis (2017), os géneros definem-se como textos agrupados numa mesma família por partilharem a finalidade sociocomunicativa e as etapas de realização, evidenciadas por marcas semântico-discursivas e léxico-gramaticais específicas. Por isso, definimos duas etapas para análise de dados: uma para exame da estrutura interna, para identificação dos padrões temáticos e observação das escolhas léxico-gramaticais e estruturais, e outra para caracterização da prática discursiva através da análise da conformidade dos textos aos géneros textuais. Para a análise da estrutura interna, recorreremos à identificação das estruturas temáticas e dos padrões lógico-semânticos por meio das quais se faz a articulação das estruturas oracionais nos textos, ao passo que para a dimensão discursiva observámos como as opções em termos de distribuição da informação nos conduziam a conclusões sobre as intenções comunicativas dos sujeitos falantes.

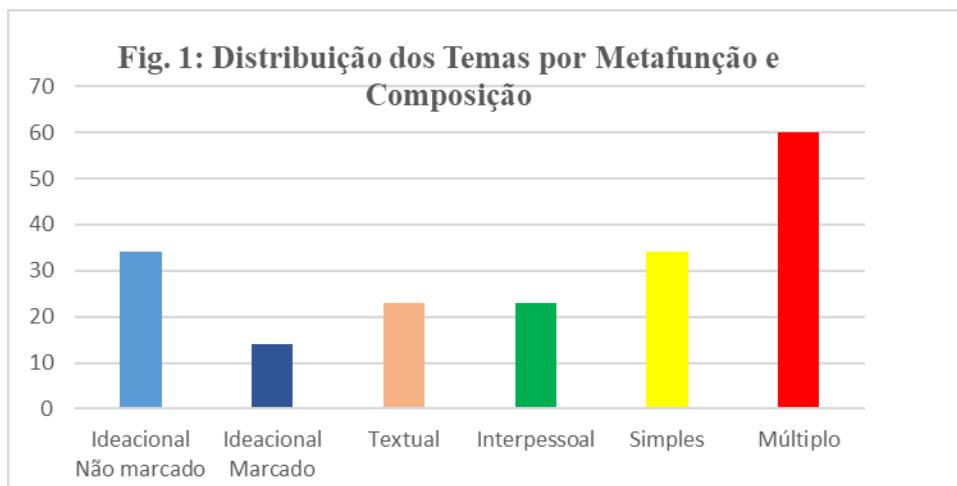
Análise da distribuição dos Temas por metafunção e por composição

A Figura 1 abaixo apresenta o total de Temas por função e composição em cada um dos textos analisados, tendo-se contabilizado um total de 73 Temas, a maior parte dos quais são ideacionais, logicamente caracterizados como Temas simples, não marcados, por desempenharem a função de participante. Estes Temas são realizados por constituintes nominalizados, na ordem direta do Português. A ocorrência de Temas múltiplos explica-se pelo uso de frases introduzidas por marcadores discursivos ligados a argumentação, como nos seguintes casos, o que parece estar em conformidade com o género textual:

- (1) **Sendo assim**, digo que é impossível haver dança sem música no meu ponto de vista porque a dança e a música é como se fosse a fé e a obra segundo a Bíblia.
- (2) **No entanto**, dançando lembramo-nos ou imaginamos como é tocada, logo acompanhamos pelo ritmo do som. Possibilita-nos dançar por intermédio da imaginação.

- (3) **Assim**, num texto pode ter diferentes perspectivas através das quais se pode analisar num texto, entre elas: análise do discurso, que permite analisar as relações sociais e de poder num texto, (...).

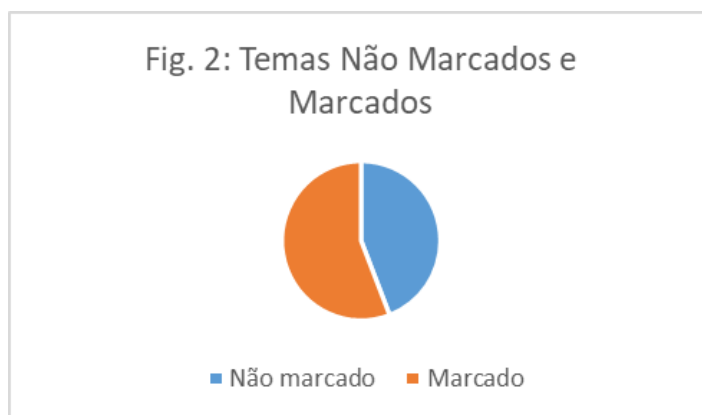
Figura 1: Distribuição dos temas por metafunção da composição



Fonte: Elaborado pela autora.

A Figura 2 representa a distribuição entre Temas marcados e não marcado. Conforme referimos, a prevalência de Temas não marcados está em conformidade com a maior de Temas ideacionais introduzidos por nomes ou expressões nominalizadas. Vejam-se os exemplos apresentados mais abaixo:

Figura 2: Temas marcados e não marcados

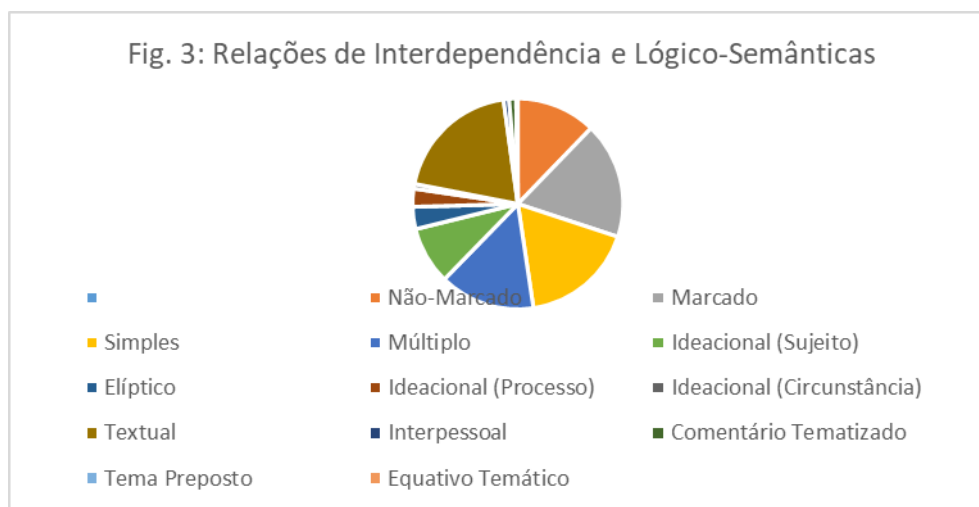


Fonte: Elaborado pela autora.

- (4) **A publicidade de cigarros e bebidas** deve ser proibida, como forma de proteger as crianças e adolescentes de bebidas e cigarros porque afeta a saúde.
- (5) **A dança** é uma arte mostrando a alegria ou uma ação praticada nos movimentos do corpo que vai de acordo aos sons (...).
- (6) **A análise textual** consiste no sentido de ver elementos existentes num texto, desde a sua organização, a linguagem, o conteúdo, entre outros elementos.

A Figura 3 a seguir apresenta a distribuição dos padrões temáticos de acordo com o sistema de transitividade, onde se nota predomínio de estruturas que seguem a ordem direta do Português, não só considerando os casos com Tema tópico, mas também os introduzidos por processos, com sujeito elítico, que podemos considerar como Temas não marcados, porque, no fundo, este sujeito não expresso é recuperável a partir do contexto. Os exemplos (7), (8) e (9) a seguir ilustram essa característica.

Figura 3: Relações de interdependência e lógico-semânticas



Fonte: Elaborado pela autora.

- (7) **Temos** também o trabalho informal que entende-se como uma atividade realizada de uma forma empírica, cuja experiência é a base de qualquer exercício.
- (8) **Podemos perceber** isso olhando para as expressões idiomáticas, que só podem compreender-se recorrendo aos aspetos culturais.
- (9) **Não interessa** se você é formado ou não, quando se trata de cultura tens de saber que deves valorizar.

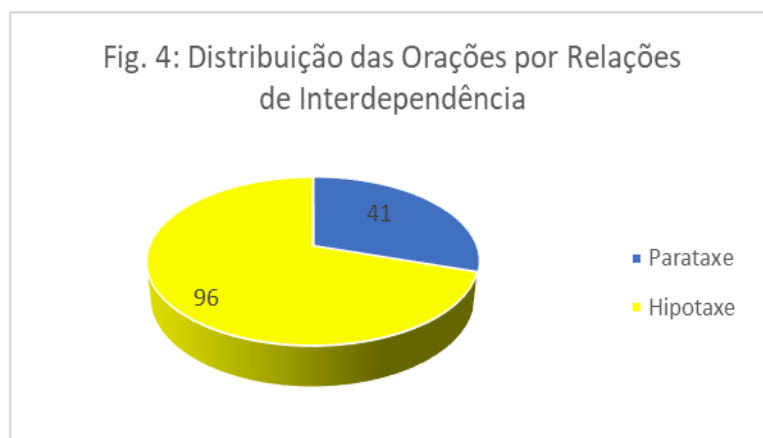
Note-se, no entanto, que há discrepância na forma como estes Temas são classificados, pois alguns autores consideram que se trata de Temas ideacionais marcados por serem introduzidos por processos e necessitarem, por isso, de um elemento com a função de sujeito para completar a estrutura temática. A nossa opinião é que esta é uma particularidade do Português, que permite a compreensão plena da informação que seria veiculada por um sujeito tópico naquela posição, pelo que incluímos estas ocorrências entre os casos de Temas não marcados, como se um Tema ideacional participante estivesse presente.

Análise do tipo de relações lógico-semânticas e de interdependência

Para a caracterização das estratégias discursivas dos sujeitos que constituem o nosso objeto de estudo é necessário examinar, não só a estrutura da oração, mas também os processos por meio dos quais as orações se articulam com vista a alcançar a coerência textual, propostos por Halliday e Matthiessen (2014). Trata-se das relações de interdependência, que incluem as relações por parataxe e hipotaxe, e lógico-semânticas, que incluem a expansão e a projeção. Os procedimentos de análise incluíram a identificação do tipo de orações (simples, complexas ou encaixadas), seguida da sua classificação com base nestas relações. De acordo com o ilustrado na Figura 4, há uma prevalência de orações realizadas por hipotaxe, o que revela, mais uma vez, características típicas dos gêneros textuais em causa. Tratando-se de textos argumentativos e expositivos, é lógico que haja um grande número de orações introduzidas por marcadores discursivos que exigiam estruturas de subordinação, como as seguintes:

- (10) **Queria** poder dizer **que** tenho amizade verdadeira, **mas** não posso **porque** seria enganar a mim mesma, **o que** é uma contradição **porque** todos sabemos **que** nenhum homem está isolado de ter uma amizade sólida e feliz, precisamos considerar **de que** para ter uma amizade saudável é preciso a participação de ambas partes.
- (11) **Digo** isto **porque** agora que entrei para a universidade muita coisa vai mudar na minha vida.
- (12) **Temos** também o trabalho informal **que** entende-se como uma atividade realizada de uma forma empírica, **cuj**a experiência é a base de qualquer exercício.

Figura 4: Distribuição das orações por relações de interdependência



Fonte: Elaborado pela autora.

Relativamente às relações lógico-semânticas, os dados obtidos indicam uma maior prevalência de casos de intensificação por hipotaxe (que ocorre quando uma oração qualifica ou contextualiza outra por referência a tempo, lugar, causa ou condição), seguindo-se a elaboração por hipotaxe (que consiste num processo em que uma oração secundária especifica ou descreve uma outra, parafraseando-a ou completando-a) e a extensão por parataxe (que consiste numa relação de adição ou expansão do significado de uma oração adicionando algo novo ou apresentando uma alternativa). Vejam-se os exemplos a seguir:

Elaboração por hipotaxe:

- (13) Quando concorri tinha esperança que não houvessem muitos candidatos, e aí eu teria mais chances de entrar **porque** achava que estava bem preparado
- (14) O tema da publicidade sobre cigarros e bebida é interessante, (...) mas do outro lado é prejudicial e por isso acho que devem ser proibidas embora estes fazem parte das drogas legais, **porque** as publicidades abrangem também o público de idade inapropriada para o uso das mesmas.

Elaboração por hipotaxe:

- (15) Queria poder dizer que tenho amizade verdadeira, mas não posso porque seria enganar a mim mesma, **o que** é uma contradição porque todos sabemos que nenhum homem está isolado de ter uma amizade sólida e feliz (...).
- (16) As pessoas **que** estavam sempre comigo vai ser difícil eu lhes ver agora, porque o tempo é outro, embora eu também compreendo **que** é difícil alguém viver sem amizade, e **que** nos casos mais frequentes pessoas que não tem amigos sofre muitas vezes de depressão.

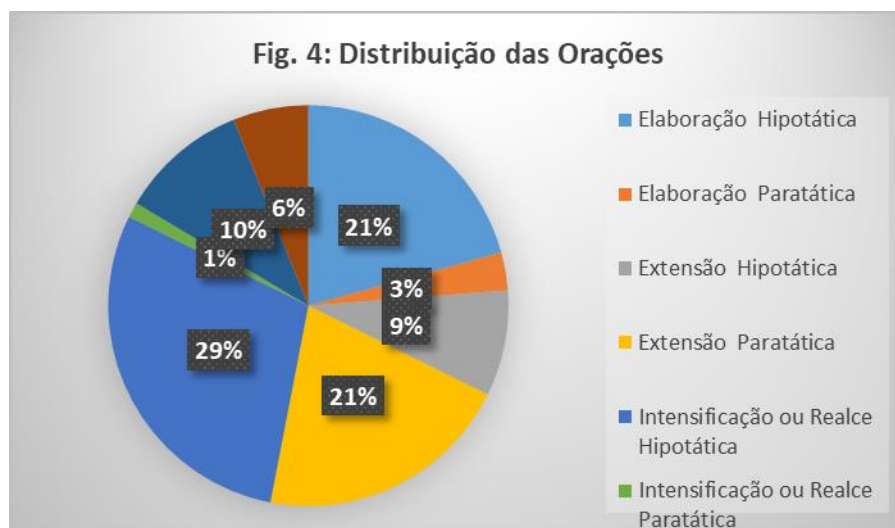
Extensão por parataxe:

- (17) Por isso afirmamos que o trabalho, seja ele qual for, dignifica o homem, **além de** permitir a sobrevivência da família, porque se um homem não trabalhar perde todo o prestígio social e até corre o risco de lhe receberem a mulher
- (18) Quando concorri tinha esperança que não houvessem muitos candidatos, **e** aí eu teria mais chances de entrar porque achava que estava bem preparado

Veja-se, na figura a seguir, a distribuição de todas as relações de interdependência e lógico-semânticas, onde se pode verificar que a categoria com menos casos é a intensificação

paratática, com apenas 1% dos casos. De uma maneira geral, à exceção dos 34% de casos de parataxe por extensão, com uma percentagem de ocorrências igual à elaboração por hipotaxe, todos os outros casos de parataxe são insignificantes, com 5% na elaboração e 1% na intensificação.

Figura 5: Distribuição das orações



Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos, assim, concluir que as estruturas usadas estão em conformidade com o género textual em causa, que exigia uma sintaxe um pouco mais elaborada, daí o maior recurso a relações por hipotaxe. Note-se, contudo, que isto não significa que os estudantes dominem a sintaxe da língua, pois notam-se muitos casos de falta de concordância, especialmente na extensão hipotática introduzida por marcadores discursivos como “embora” ou “apesar de”, que exigem o uso de um verbo no conjuntivo ou infinitivo pessoal. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (19) O uso de drogas pelos jovens é, muitas vezes, um problema familiar **embora estes não ter sido vistos** como um simples problema individual.
- (20) O uso de drogas pelos jovens é antes de tudo um problema familiar, **embora pode ser também** resultado de más companhias.
- (21) Hoje já se nota uma mudança de mentalidade na sociedade, **embora que ainda há mulheres** que acham que a solução para a sua vida é manterem para ter alguém para lhes assumir.

Até agora temos estado a considerar os períodos iniciais de cada parágrafo, o que pode dar a impressão de haver uma regularidade em termos de dinamismo comunicativo, baseado na estrutura lógica do Português, com ou sem sujeito expreso. Mas, observando os complexos oracionais que constituem os referidos períodos, vemos que as opções em termos de estratégia discursiva são diferentes, conforme ilustram os seguintes exemplos:

- (22) Queria poder dizer **que** [*projeção*] tenho amizade verdadeira, **mas** [*extensão*] não posso **porque** [*intensificação*] seria enganar a mim mesma, **o que** [*elaboração*] é uma contradição **porque** [*intensificação*] todos sabemos **que** [*projeção*] nenhum homem está isolado de ter uma amizade sólida e feliz, precisamos considerar **de que** [*projeção*] para ter uma amizade saudável é preciso a participação de ambas partes.
- (23) As pessoas **que** [*elaboração*] estavam sempre comigo vai ser difícil eu lhes ver agora, **porque** [*intensificação*] o tempo é outro, **embora** [*extensão*] eu também compreendo **que** [*projeção*] é difícil alguém viver sem amizade, **e que** [*projeção*] nos casos mais frequentes pessoas **que** [*elaboração*] não tem amigos sofre muitas vezes de depressão.
- (24) Para ser bom empreendedor é necessário saber trabalhar em equipa, **porque** [*intensificação*] como esta passagem nos mostra **que** [*projeção*] existe uma melhor solidez **quando** [*intensificação*] tem duas pessoas a pensar para o mesmo fim, **quando** [*intensificação*] se trabalha em conjunto, **pois** [*intensificação*] ninguém consegue fazer as coisas sem orientação e presença dos outros.
- (25) Por isso afirmamos [*projeção*] que o trabalho, seja ele qual for, dignifica o homem, **além de** [*extensão*] permitir a sobrevivência da família, **porque** [*intensificação*] se um homem não trabalhar perde todo o prestígio social **e** [*extensão*] até corre o risco até de lhe receberem a mulher.

Em nossa opinião, não há uma progressão lógica e clara dos argumentos, dando uma ideia de circularidade, especialmente devido ao uso combinado de diferentes formas de relação entre as estruturas oracionais. Em muitos casos, a ligação entre os constituintes oracionais iniciais e os subsequentes não é clara, já que cada estrutura oracional aparece como que isolada, sem que o seu conteúdo tenha qualquer ligação com o anterior.

Considerações finais

A análise dos dados realizada permitiu-nos chegar à conclusão de que este tipo de pesquisa pode fornecer pistas importantes para uma análise abrangente das preferências discursivas dos estudantes, pois não se limita a observar os aspectos formais que caracterizam a língua, apesar de estarmos conscientes da dificuldade de afirmar, positivamente, que determinada opção deve-se a fatores de ordem contextual e não a outro, como falta de conhecimento da língua. Tanto quanto pudemos observar com os dados exíguos ao nosso dispor a partir da observação dos movimentos sintáticos dentro dos complexos oracionais, os textos não apresentam um desenvolvimento linear nem constante, com um encadeamento lógico dos argumentos, especialmente se consideramos que se trata de estudantes universitários, de quem se espera uma boa competência textual. É de salientar que este é um tipo de estudo exploratório, que visa mostrar a possibilidade de analisar textos nestes moldes, pelo que as conclusões devem ser tomadas apenas como ideias que podem ser mais desenvolvidas com outros subsídios.

As informações novas contidas na estrutura remática só podem ter sentido se integradas em *frames* ou *scripts*, que são estruturas que, de acordo com Duque (2015, p. 34), orientam a atenção e as expectativas dos leitores no discurso. Estes esquemas cognitivos estão relacionados com conhecimentos prévios dos falantes que são ativados na mente no momento da interação verbal, permitindo estabelecer ligação com a informação presente no enunciado, e assim compreender o sentido do texto. Beaugrande ((1980), apud Delong, 2005, p. 39) define os esquemas como redes semânticas ou conjuntos de conhecimentos armazenados segundo uma progressão temporal, semelhante à que nos permite, por exemplo, pôr um carro a trabalhar.

Estes esquemas cognitivos fazem parte da experiência e do conhecimento do mundo que os falantes possuem, estando, por isso, ligados à metafunção ideacional, e ficam armazenados na memória de longo prazo, onde são ativados no momento da interação, permitindo fazer inferências para o processamento da informação. Estas estruturas de conhecimento garantem a manutenção temática, uma vez que, na interpretação de um texto, permitem recuperar informações armazenadas na memória e relacioná-las com elementos do texto ou avançar perspectivas em relação ao que se deve seguir. Portanto, o sentido de um texto é estabelecido com base no conhecimento linguístico e no conhecimento do mundo, sendo este relacionado com o contexto cultural.

Referências

- ADRIANO, Paulino Soma. *Tratamento morfossintático de expressões e estruturas frásicas do Português de Angola – Divergências em relação à norma europeia*. Tese de Doutorado. (UE), 2014.
- AGUALUSA, José Eduardo. A Língua Portuguesa em Angola: língua materna versus língua madrastra. *Revista Imaginário*, pp. 27-33, 2004/2005.
- ASSIS, Sônia Maria. *As representações de Amaro na obra Bom Crioulo em sua tradução para a língua inglesa: uma abordagem sistêmico-funcional*. Dissertação. Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem (UFOP), 2017.
- BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang. *Introduction to Text Linguistics*. U.K., Routledge. 1981.
- BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a Teoria da Análise de Discurso: Desdobramentos Importantes para a Compreensão de uma Tipologia Discursiva. *Linguagem – Estudos e Pesquisas*, V. 15, n. 01, p. 171-182, 2011.
- BROWN, Gillian & YULE, George. *Discourse Analysis*. Cambridge, Cambridge University Press, 1983.
- COSTA, Teresa Manuela C. J. *Umbundismos no Português de Angola – Proposta de um dicionário de umbundismos*. Tese de Doutorado. (UNL), 2015.
- DANEŠ, F. (Ed.). *Functional Sentence Perspective and the Organization of the Text*. In: *Papers on Functional Sentence Perspective*. De Gruyter Mouton, 1974.
- DELONG, Sílvia Regina. *As noções de frames e esquemas no processo de leitura compreensiva em espanhol língua estrangeira*. Dissertação. Curso de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (UFP), 2005.
- DUQUE, Paulo Henrique. Discurso e cognição: Uma abordagem baseada em *frames*. *Revista da Anpoll*, n. 39, p. 25-48, 2015.
- GASPAR, Sofia I. N. Fernandes. *A Língua Portuguesa em Angola: Contributos para uma Metodologia de Língua Segunda*. Dissertação. Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira (UNL), 2015.
- GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e Gramática: Uma Introdução à Linguística Funcional. *Matraga*, v. 16, n. 24, 2009.
- GRABE, William; KAPLAN, Robert. *Theory and Practice of Writing: An Applied Linguistics Perspective*. London: Longman, 1996.
- HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*, 4th Ed., London: Routledge, 2014.

INVERNO, Liliana. Português vernáculo do Brasil e Português vernáculo de Angola: reestruturação parcial versus mudança linguística. *Actas del Encuentro IV ACB LPE*, Madrid, 2004, p. 201-213.

INVERNO, Liliana. Transição de Angola para o português vernáculo: uma história sociolinguística. In: TORGAL, Luís Reis (Org.). *Comunidades Imaginadas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2008

INVERNO, Liliana. A transição de Angola para o Português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal. In: CARVALHO, Ana M. (Org.). *Português em Contato*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana: Vervuert. 2009.

Inverno, Liliana. *Contact-induced restructuring of Portuguese morphosyntax: evidence from Dundo*. Tese de Doutorado (UC.), 2011.

INVERNO, Liliana. Contato linguístico em Angola; Retrospectiva e Perspectivas para uma política linguística. In: PINTO, Feytor; MELO-PFEIFER, Sílvia (Org.). *Políticas Linguísticas em Português*. Lisboa: Lidel. 2018.

KAPLAN, Robert B. Cultural Thought Patterns in Intercultural Education. *Language Learning – a Journal of Research in Language Studies*, V. 16, Issue 1-2. 2003.

LANGA, Basílio Júlio. *Estudo do Método de Desenvolvimento da Notícia do Lead de Identidade Imediática*. Dissertação de Licenciatura. (UEM), 1995.

LIMA, Patrícia Mota do Amaral. *A Transitividade Verbal sob a Perspetiva Funcionalista: da Teoria à Prática da Sala de Aula*. Dissertação. Programa de Mestrado Profissional em Letras (UESB), 2019.

MCCARTHY, Michael. *Discourse Analysis for Language Teachers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MINGAS, Amélia. Português em Angola – Reflexões. *VIII Encontro das Universidades de Língua Portuguesa*, Macau, 1998, p. 21-23.

MINGAS, Amélia. Ensino da Língua Portuguesa no Contexto de Angola. In: MATEUS, Maria Helena Mira (Org.). *Uma Política de Língua para o Português*. Lisboa: Edições Colibri. 2002.

PONSO, Leticia Cao. O Português no contexto multilingue de Angola. *Confluência*, 35736, pp. 147-162, 2008.

THOMPSON, Geoff. *Introducing Funtional Grammar*, 3rd Ed., London: Routledge, 2014.

UNDOLO, Márcio. *Caracterização da Norma do Português em Angola*. Tese de Doutorado. (UE), 2014.

_____. (2015). *A Norma do Português em Angola – Subsídios para o seu Estudo*. Bengo, ESP.

ZAU, Domingos Gabriel Dele. *A Língua Portuguesa em Angola* – Um Contributo para o Estudo da sua Nacionalização. Tese de Doutorado. (UC), 2011.